

Paulo, o Grande Apóstolo

David Martyn Lloyd-Jones

Esta noite* eu gostaria de dar as boas-vindas aos amigos que não pertencem a esta igreja em particular e que talvez estejam conosco, e se disponham a continuar conosco nestes estudos da Epístola aos Romanos. Em atenção a eles, talvez seja melhor, de maneira muito geral, indicar-lhes como este culto é conduzido normalmente. Primeiramente e acima de tudo, desejo salientar que se trata de um *culta*. É uma ocasião para adoração. Sou um daqueles que não reconhecem nenhum estudo da Palavra de Deus que não seja acompanhado de adoração. A Bíblia não é um livro comum — é o Livro de Deus, e é um livro acerca de Deus e das relações do homem com Ele. Portanto, toda vez que consideramos ou estudamos a Bíblia estamos, necessariamente, prestando culto. Noutras palavras, não me proponho a estudar esta grande Epístola de maneira meramente intelectual ou acadêmica. Ela foi redigida como uma carta escrita por um grande pastor. Não é um tratado teológico, escrito por especialistas e para professores. É uma carta escrita a uma igreja, e, como toda literatura neotestamentária, tinha em vista um objetivo e um fim práticos. O apóstolo estava interessado em ajudar estes cristãos de Roma, em edificá-los e firmá-los em sua fé santíssima, e, querendo Deus, e na medida da minha capacidade, certamente estarei tentando fazer a mesma coisa. Esta é, pois, uma ocasião para adoração, e não apenas para uma preleção.

Além disso, não anuncio publicamente um programa, e por esta razão: quando você está estudando a Palavra de Deus, nunca sabe exatamente quando vai terminar. Pelo menos eu tenho uma profunda impressão de que é este o caso, acreditando, como acredito, na presença e no poder do Espírito Santo. Sabemos por experiência que Ele vem subitamente sobre nós — Ele ilumina a mente e sensibiliza o coração — e eu creio que todo aquele que expõe as Escrituras deve estar sempre aberto para as influências do Espírito Santo. E por isso que alguns de nós não transmitimos sermões pelo rádio e pela televisão, porque achamos difícil dar-nos bem com limites de tempo nestas questões. Pergunto o que aconteceria com um ocasional culto irradiado se o Espírito Santo de repente dominasse o pregador! Bem, dá-se exatamente a mesma coisa numa ocasião como esta. Posso ter pensado em planejar certa porção e dizer certas coisas, e, portanto, eu poderia sumariar um plano de estudos, mas, como digo, é minha profunda esperança que o Espírito Santo me dominará, tanto a mim, e às minhas idéias, como a todo e qualquer pequeno programa que eu tenha. Por isso irei semana após semana, confiante

* Este primeiro sermão foi pregado em 7 de outubro de 1955.

naquela orientação e direção, sem prometer nenhuma medida para cada sexta-feira.

Passemos ao assunto que nos traz aqui. Propomo-nos a examinar, considerar e estudar, da maneira que indiquei, a Epístola do apóstolo Paulo aos Romanos. Obviamente, devemos começar com algumas considerações gerais. A própria Epístola nos concita a proceder assim e, num sentido, forçamos a fazê-lo. E, na verdade, todo estudo prolongado das Escrituras deve ter-nos ensinado que é sempre bom fazer uma pausa no início de qualquer destas Epístolas do Novo Testamento. Há muito que aprender das palavras iniciais da introdução. E um grande erro passar às pressas pela introdução destas grandiosas Epístolas. Se vocês as examinarem bem, e se lhes fizerem perguntas, verão que elas têm muito conhecimento e informação espiritual para dar-lhes. Por exemplo, quando chegamos a esta Epístola, a primeira coisa que notamos a seu respeito é que, das diversas cartas incluídas no cânon do Novo Testamento, ela é a primeira. Ela vem imediatamente após o livro de Atos dos Apóstolos. E, é claro, isso levanta uma questão: “Por que ela se acha aí, na primeira posição?” A resposta não é que ela foi a primeira carta que o apóstolo escreveu; disso estamos absolutamente certos. Não há dúvida nenhuma de que a primeira Epístola das que há na Bíblia, a primeira que foi escrita pelo apóstolo Paulo é a Primeira Epístola aos Tessalonicenses. Assim, a Epístola aos Romanos não é a primeira do Cânon por ser a primeira na ordem cronológica.

Então, por que é a primeira? Há quem diga que é porque é a mais longa, mas, quanto a mim, concordo com os que rejeitam essa explicação. Dou-lhes a opinião de que ela ocupa a primeira posição porque o Espírito Santo deu à Igreja sabedoria para compreender que ela é a primeira em importância. Ela foi posta em primeiro lugar desde o princípio, e todos concordam com essa posição. Ela é reconhecida como a Epístola na qual somos postos face a face com todas as verdades fundamentais das Escrituras. Assim é que, depois de nos ser feito, em Atos, um relato de como a Igreja foi formada, estabelecida e propagada, o que seria mais natural do que a Igreja — as igrejas, em toda parte — ser lembrada do alicerce básico sobre o qual ela sempre deve estar firmada? “Ninguém pode pôr outro fundamento”, diz este mesmo apóstolo escrevendo aos coríntios (1 Coríntios 3:11), e aqui, repisando o ponto, ele firma todas as verdades fundamentais.

Certamente isso é algo a que bem podemos dar ênfase. Sempre foi opinião universal na Igreja Cristã através dos séculos que Romanos é a Epístola que, mais que todas as outras, trata dos pontos fundamentais, e se vocês examinarem a história da Igreja, penso que verão que isso é o que tem sido reiteradamente sustentado. Há um sentido em que podemos dizer com toda a veracidade que, possivelmente, a Epístola aos Romanos teve um papel mais importante e mais crucial na história da Igreja do que qualquer dos outros livros da Bíblia. Esse é um assunto da maior significação. Devemos ler

e estudar a Bíblia toda — sim! Mas, se pela história da Igreja fica evidente que, em particular, um livro foi utilizado assim, de maneira excepcional, por certo convém que lhe demos atenção excepcional.

Permitam-me lembrar-lhes, pois, algumas das coisas que foram feitas na história da Igreja por meio desse livro especial. Poderíamos fazer uma demorada digressão sobre isso, mas apenas vou fazer destaque de alguns dos pontos salientes. Vejam, como primeiro exemplo, a conversão de Agostinho, aquele homem extraordinário. Suponho que em muitos aspectos é correto dizer que, entre o encerramento do cânon do Novo Testamento e a Reforma Protestante não houve na Igreja Cristã nenhuma pessoa mais importante do que Agostinho de Hipona. Vocês se lembram da história dele. Ele era professor — um homem brilhante. Todavia, apesar de ser um filósofo profundo, sua vida era imoral, dissoluta. Vocês se lembram de como ele foi convertido? Aflito e com a alma em agonia, estava sentado num jardim certa tarde, quando ouviu a voz de uma criança dizendo: “*Tolle, lege*”. “Tome e leia, tome e leia.” Levantou-se, foi para o seu alojamento e abriu o Livro, e eis o que ele leu no capítulo treze da Epístola aos Romanos: “Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências”. E ali a verdade de Deus refulgiu sobre ele, e ele foi convertido e salvo, e veio a ser uma luz orientadora na Igreja Cristã.

Não somente isso! A Igreja teve que passar por um período de conflitos e lutas logo após a conversão desse grande homem. Havia um mestre na Igreja cujo nome era Pelágio, e este começou a pregar e a propagar o que se tornou conhecido como heresia pelagiana. Ora, não se pode contestar que, se aquele ensino fosse aceito pela Igreja Cristã, teria significado a sua ruína. Mas a Igreja foi salva da heresia pelagiana naquele tempo por Agostinho, que refutou e finalmente demoliu o ensino de Pelágio simplesmente expondo a Epístola aos Romanos. Ela foi a base, o alicerce sobre o qual a fé da Igreja foi mantida, estabelecida e capacitada a ter continuidade.

Também muitas pessoas, penso eu, sabem e compreendem que a Epístola aos Romanos foi certamente o documento crucial em relação à conversão de Martinho Lutero e que, portanto, levou ao real princípio da Reforma Protestante. Em 1515, quando ainda era católico romano, Martinho Lutero, na época professor de teologia, resolveu dar aulas aos seus alunos sobre a Epístola aos Romanos. E foi quando ele estava estudando justamente essa Epístola que a verdade da justificação pela fé, e pela fé somente, raiou em sua mente, em seu coração e em todo o seu ser. Isso levou àquela tremenda mudança em sua vida que realmente desencadeou a Reforma Protestante. Essa grande doutrina, mencionada já no capítulo primeiro desta Epístola e também na Epístola aos Gálatas, foi o meio pelo qual se deu aquela virada

total na vida de Lutero. Assim, podemos ver aí também como a Epístola foi utilizada por Deus num marco divisório vital da história da Igreja Cristã.

Igualmente na vida de João Bunyan a mesma Epístola, de novo junto com a Epístola aos Gálatas e também com os comentários de Lutero, foi empregada por Deus em sua conversão. E talvez mais conhecido de todos é o relato da conversão de João Wesley, em 24 de maio de 1738, na Rua Aldersgate, em Londres. Deixem-me lembrar-lhes como foi que aconteceu. O Espírito de Deus estivera operando nele; os Irmãos Morávios o vinham ensinando sobre a doutrina da justificação pela fé sem obras e, embora a tivesse entendido com a mente, tivera que dizer: “Não a senti”. Foi num estado de grande agitação da alma, da mente e do coração que ele foi, sem boa disposição, a uma reunião na Rua Aldersgate. Aconteceu que naquela reunião alguém — um dos irmãos cristãos — estava lendo o Prefácio e Introdução do Comentário da Epístola aos Romanos, de Martinho Lutero, e Wesley sentou-se e se pôs a ouvi-lo. E enquanto ouvia, viu que o seu coração foi “aquecido estranhamente”, e ele ficou ciente de que Deus tinha perdoado os seus pecados — “até os meus”, diz ele. Ali mesmo e naquela mesma hora foi-lhe dada uma firme certeza da salvação, a qual o tornou do abjeto que era como pregador num grande e poderoso evangelista.

Permitam-me dar-lhes só mais um exemplo do uso que o Espírito Santo fez da Epístola. Houve um notável movimento evangélico* no continente europeu no início do século dezanove. Começou especialmente na Suíça; depois espalhou-se até a França, e também teve certa influência na Holanda. A vida protestante no continente se tornara mortíca e muito formal, mas de repente surgiu essa nova luz, ocorre esse reviver, o que levou a um movimento deveras notável. Fico a perguntar quantos de vocês sabem que isso aconteceu da seguinte maneira: havia dois escoceses de sobrenome Haldane — Robert e James Alexander Haldane. Eram leigos, mas foram grandemente usados por Deus na Escócia e noutros lugares naquele tempo. Robert Haldane esteve na Suíça, em Genebra, e um dia, quando estava sentado ao ar livre, ouviu a conversa de alguns jovens que estavam sentados ao seu lado. Percebeu que eram estudantes de teologia; percebeu também que eles ignoravam a verdade no sentido evangélico, e que, portanto, ignoravam o seu poder. Isso pesou em seu coração. Haldane esteve com eles várias vezes e, por fim, resolveu fazer algo para ajudá-los.

Assim foi que Robert Haldane convidou aqueles jovens, e eles levaram outros, para que fossem ao seu quarto, e o que ele fez foi simplesmente expor-lhes a Epístola aos Romanos, versículo por versículo, e explicar-lhes as suas poderosas e gloriosas verdades. O Espírito Santo, que o induziu a fazer isso, honrou-o quando ele o fez, e aquelas reuniões singelas levaram à conversão de alguns grandes homens. Um deles, Merle d’Aubigné, ficou

* Como noutras obras, não fazemos uso da forma inglesa “evangelicalism”, e procuramos resgatar o sentido cristão e bíblico da palavra “evangélico”. Nota do tradutor.

famoso pela produção da obra que, em muitos aspectos, é a modelar história da Reforma Protestante. Houve outro homem, chamado Gausson, autor de um excelente livro sobre a inspiração das Escrituras. Ambos esses homens foram convertidos naquelas reuniões. Outro homem, chamado Malan, também foi convertido e, entre outros, Monod e Vinet, nomes que eram conhecidos na França. Resultou dessa exposição da Epístola aos Romanos, feita por Robert Haldane, que todos eles acabaram se tornando poderosos homens de Deus, e os grandes mestres que foram.

Aí estão, pois, algumas ilustrações de como Deus usou esta notável Epístola para propagar o Seu reino. Mas, queiram permitir-me também que eu lhes comunique alguns testemunhos da sua grandeza e do seu valor, dados por homens de Deus. Um dos grandes pregadores da Igreja Cristã Primitiva — certamente um dos pregadores mais eloqüentes que a Igreja já conheceu — foi João Crisóstomo, de Constantinopla. Ele dizia que a Epístola aos Romanos é tão extraordinária que ele ouvia a leitura dela duas vezes por semana. Ele queria ouvi-la para captar a sua mensagem. Ouçam também o que diz Martinho Lutero sobre ela: “Esta Epístola é a parte principal do Novo Testamento” — significando que é o livro mais grandioso do Novo Testamento — “e o mais puro evangelho, e merece que o cristão não somente a saiba de cor palavra por palavra, porém também trate dela diariamente como o pão diário para a alma, pois nunca poderá ser lida demais, nem estudada demais, nem assimilada demasiadamente bem, e quanto mais for manuseada, mais deleitável se tornará e melhor sabor terá”. Pergunto: quantos dos aqui presentes neste momento poderiam recitá-la para mim, palavra por palavra? Notem que Lutero disse que devemos aprendê-la desse modo, confiá-la à memória, conhecê-la em nossos corações, lê-la constantemente, porque, diz ele, quanto mais vezes vocês o fizerem, “mais deleitável se tornará e melhor sabor terá”.

Tomo a liberdade de dar-lhes a opinião doutra pessoa. Suponho que uma das mentes mais agudas que a história da literatura inglesa conheceu foi a de Samuel Taylor Coleridge — homem notável; e o que Coleridge disse desta Epístola foi que “é a mais profunda obra escrita que existe”. Aí está um literato, um erudito, autor de livros tais como *Biographia Literária*, homem que não somente conhecia a literatura inglesa, mas igualmente era versado na literatura alemã. Era conhecedor dos clássicos. Contudo, esse homem pôde dizer que a Epístola aos Romanos é “a mais profunda obra escrita em existência”. Não estou dizendo estas coisas somente para justificar o nosso ensino desta grande Epístola, mas também esperando que, ao fazê-lo, estaremos examinando a nós mesmos e fazendo estas perguntas: “Terei compreendido tudo isso acerca da Epístola aos Romanos? Quando percorri a Bíblia, eu me detive neste livro? Fiz uma pausa e dediquei tempo a ele? Deixei-me contar da sua profundidade?”

E agora, tendo dito estas coisas preliminares, consideremos a Epístola propriamente dita. Vemos que a sua primeira palavra é o nome PAULO; é uma Epístola escrita por um homem chamado Paulo. Aqui sou compelido a deter-me. Não posso ir adiante, porque, como eu disse anteriormente, se vocês pararem e observarem estas coisas logo no início, encontrarão rica verdade. Vejamos agora esta primeira palavra, Paulo. E o nome do homem que está escrevendo, e ele está escrevendo uma carta a um grupo de cristãos da grande cidade de Roma, a metrópole do mundo daquele tempo. Está escrevendo a cristãos, a maioria dos quais é composta de gentios. Que coisa admirável e espantosa! Que coisa admirável, este homem, dentre todos os demais, escrever uma carta como esta a uma igreja mormente gentílica! Por que digo isso? Digo-o à luz da história deste homem. Temos uma pequena sinopse dessa história no capítulo 3 de Filipenses, que devemos ler para prover-nos do cenário de fundo. Esta é uma das coisas mais admiráveis que já aconteceram. Mais admirável que a Epístola aos Romanos é o fato de Paulo escrevê-la. Lá estava este homem, anteriormente um judeu austero, fanático, nacionalista, que odiava o Senhor Jesus Cristo e tudo quanto se relacionava com Ele, que O considerava blasfemo, que tentava destruir a Igreja Cristã, que foi para Damasco respirando ameaças e mortes a fim de poder exterminar a pequena igreja daquela cidade. A seguir, lembremo-nos de como ele viu o Senhor ressurreto, e de como toda a sua vida foi transformada, e de como ele se tornou poderoso defensor da fé e apóstolo para os gentios.

Isso posto, aí está algo que devemos analisar um pouco, pois não podemos deixar de ficar impressionados com a maneira maravilhosa pela qual Deus preparou este homem especial para a sua tarefa especial. Que tipo de homem era ele? Já lhes falei da sua conversão, mas estudemos um pouco mais a pessoa dele. Que é que vemos? Vemos que ele era um homem dotado de incomum e excepcional habilidade natural. Isso é inquestionável. E algo que transparece em toda parte em suas Epístolas, e naquilo que nos é dito sobre ele no livro de Atos. Este homem foi, indubitavelmente, um dos grandes cérebros, não só da Igreja mas também do mundo. Isso é reconhecido por incrédulos. Lembro-me de que, quando se aproximava o fim da Segunda Guerra Mundial, foi feita aqui em Londres uma série de preleções sobre “As Maiores Mentes de Todos os Séculos”. Foi planejada e organizada por uma sociedade secular, mas na lista dos homens assim considerados estava este homem, o apóstolo Paulo, porque tiveram que reconhecer e admitir que ele foi uma das principais mentes de todos os séculos. E isso é algo que sobressai claramente em tudo o que ele faz. Vocês não podem deixar de notar o seu tremendo poder de raciocínio, sua lógica, seus argumentos, o modo como ele dispõe as suas provas e os seus fatos, e os apresenta. Ele era, então, um homem deveras admirável, mesmo que somente contemplado do ponto de vista natural e considerada a sua capacidade incomum.

No entanto, em acréscimo, notem o seu nascimento, a sua formação educacional e o seu preparo prático. Estou tentando mostrar-lhes como Deus

estava preparando este homem para a grande tarefa que lhe designara, e isso tudo já nos é sugerido simplesmente por seu nome. Primeiramente e acima de tudo, ele era judeu. Sobre isso ele nos disse tudo — hebreu de hebreus, da tribo de Benjamim, etc. Sim, mas não somente isso; também foi educado como fariseu; teve o privilégio de sentar-se aos pés de Gamaliel, o maior mestre dentre os fariseus, e ali, sob aquele ensino especializado e competente, ele mesmo veio a ser um especialista na lei judaica, pelo menos como esta era ensinada e interpretada pelos fariseus. Diz-nos ele que sobrepunha a todos os demais em excelência. Evidentemente ele foi o máximo em todas as provas. Ele simplesmente pôde embeber-se em conhecimento e informação, e aí está ele, pois, “o fariseu dos fariseus”, um especialista no entendimento e na interpretação judaicas da lei de Deus.

Sim, mas outra coisa a respeito dele é que ele era cidadão romano de nascimento. Certamente vocês recordam que, no livro de Atos, quando Paulo teve que fazer a sua defesa após ter sido preso, ele assinalou que era “cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre” (Atos 21:39), e que nascera livre. Era um cidadão romano, um homem livre. Pois bem, isso era de grande significação: uma alta honra. Lemos sobre pessoas às quais foi dada liberdade ou que receberam o título de cidadãos de Londres ou de alguma outra cidade, honra grandemente apreciada. Bem, naquele tempo era algo de ainda maior valor ser cidadão nato do Império Romano — e este homem, natural da cidade de Tarso, era cidadão romano por direito de nascimento, com todos os privilégios que esse fato implicava. Lemos em Atos sobre como ele fez uso dessa cidadania em mais de uma ocasião, e sem dúvida o usou muitas outras vezes de que não fomos informados, durante a realização do seu trabalho como evangelista.

Outro fato importante nessa conexão foi ter sido criado numa cidade chamada Tarso. Como se sabe, Tarso era um dos principais centros de cultura; as outras duas eram, é claro, Atenas, na Grécia, e Alexandria, no Egito. Contudo Tarso, de acordo com as autoridades, era igual a Atenas e Alexandria nesta questão de cultura grega. E, ao ler-se o livro de Atos, vê-se que o apóstolo tinha sido bem preparado neste aspecto também. Ele era homem de cultura. Ele conhecia os poetas gregos e podia citá-los. Ele conhecia as produções literárias dos filósofos gregos, e podia citá-los. Ele tinha esse substrato da cultura grega em sua melhor expressão, em acréscimo à sua cidadania e ao seu nascimento, no sentido natural, como judeu.

Por que me demoro nisso tudo? Bem, por esta razão: esta Epístola nos mostrará que este homem de Deus foi levantado por Deus para duas realizações especiais. Uma delas era defender a fé cristã contra os judeus, ou contra o judaísmo. Ele trata disso em quase todas as suas Epístolas. Dentre todos os homens, foi ele que teve de contender por outros. Diz-nos ele no capítulo dois da Epístola aos Gálatas que teve até de resistir ao apóstolo Pedro na cara sobre essa questão. Pedro estava começando a desviar-se nesse ponto.

Temia o judaísmo. E quem pode dizer o que aconteceria com a Igreja Cristã, se o apóstolo Paulo não fosse capaz de resistir-lhe e refutá-lo, e de trazê-lo de volta a um verdadeiro entendimento do evangelho. Vemos, pois, que não se pode duvidar de que o conhecimento que o apóstolo tinha da posição dos judeus, conhecimento que obtivera em sua criação e instrução aos pés de Gamaliel, foi de inestimável valor. Ele conhecia a causa do outro lado melhor do que os próprios antagonistas, e assim, como cristão, pôde enfrentá-la, mostrar as suas falácias e finalmente refutá-la.

Permitam-me colocar o ponto doutra maneira. A dificuldade com relação a muitas pessoas honestas e sinceras era esta: como podiam conciliar as Escrituras do Velho Testamento e o seu ensino com este novo evangelho, com esta nova fé? A acusação que os judeus faziam especialmente contra o evangelho era que este consistia em algo espúrio, que não vinha de Deus, que era uma clara contradição de tudo o que o Velho Testamento ensinava, que era uma inovação, e, por isso, advertiam o povo contra ele. E uma das grandes tarefas desempenhadas por Paulo foi a conciliação do ensino do Velho Testamento com o do Novo. Ele foi, se é que vocês se lembram, para a Arábia após a sua conversão, e lá, sem dúvida, passou o tempo meditando precisamente nessa questão. Ele foi iluminado pelo Espírito Santo. Examinou as Escrituras, que ele conhecia tão bem! Encontrou Cristo nelas, em toda parte, de modo que, quando escreveu as Epístolas, pôde fazer as citações que fez, pôde usá-las no ponto certo; ele conhecia a causa dos judeus por dentro e por fora, devido à formação dele e seu passado; tudo isso foi de inestimável valor para ele.

A segunda grande realização para a qual este homem de Deus foi chamado foi a de agir como apóstolo dos gentios. Ele nos diz isso no capítulo quinze desta Epístola aos Romanos. Ele engrandece o seu ofício como apóstolo dos gentios, e é óbvio que o fato de ser ele um cidadão romano era de inestimável valor nesse ponto. Acaso não seria também óbvio que o seu conhecimento da literatura e da cultura gregas era igualmente valioso? Aí está um homem que não somente tem o evangelho para pregar, mas que também entende o povo a quem prega. Vejam o modo como ele expressa o ponto quando escreve aos coríntios, no capítulo nove da Primeira Epístola; diz ele: “Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. Para os que estão sem lei, como se estivessem sem lei... para ganhar os que estão sem lei”. Ele pode falar como judeu. Ele pode falar como gentio. Ele conhece os elementos básicos de formação das duas culturas. E assim ele sabe pregar o evangelho a ambas, sabe pregá-lo a todos os homens. De fato ele nos diz, logo no primeiro capítulo da Epístola aos Romanos: “Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes. E assim, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o evangelho, a vós que estais em Roma”, Penso que temos aí uma daquelas coisas admiráveis que se vêem quando se contempla a maneira maravilhosa pela qual Deus faz com

que se cumpram os Seus propósitos — como Ele estivera preparando este homem para todas estas coisas grandiosas que Ele o incumbiu de realizar.

Mas certamente aqui topamos com um princípio de real valor prático para nós no presente momento. Deixem-me expressá-lo do seguinte modo: qual é a relação que há entre o Espírito Santo e Sua obra por um lado, e os dons naturais e a educação por outro? Estou certo de que essa pergunta se tem apresentado a vocês como um problema, e muitas vezes ela tem sido debatida. Muitas vezes isso levou a confusão, e penso que é o que está acontecendo atualmente. Alguns parecem ter a idéia de que absolutamente nada importa, exceto que o homem seja convertido e receba o dom do Espírito Santo. Isso, dizem eles, é tudo o que se necessita, e os dons naturais não têm a mínima importância. Se a pessoa é cheia do Espírito Santo, nada mais importa; o Espírito é todo-poderoso. Certamente toda essa ênfase sobre Paulo ser judeu, conhecer algo da cultura grega, ter a cidadania romana, não tem nenhuma significação. Nada importa, exceto que o homem nasça de novo, seja convertido e tenha dentro de si o Espírito.

Pois bem, há certas coisas nos escritos deste homem, permitam-me dizê-lo, que parecem dar certo colorido àquela idéia. Na Primeira Epístola aos Coríntios, no capítulo primeiro, o apóstolo assinala com magnífica eloquência que “...Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias,..”. Vocês se lembram do argumento. No capítulo dois da mesma Epístola diz ele que “...o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”. E ainda na Segunda Epístola aos Coríntios, no capítulo dez, diz ele: “Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas”. E então, baseados nisso, há os que alegam que, seguramente, não importa quais sejam os dotes naturais da pessoa; não importa se ela é inteligente ou não, se é instruída ou ignorante — nada importa, senão o poder do Espírito.

Ora, que dizer disso? Creio que vocês concordarão comigo em que uma sugestão desse pensamento é corrente hoje em dia. Por alguma razão assombrosa, parece que se considera quase como um requisito que a pessoa não tenha habilidade natural em relação às coisas do evangelho, que não tenha grandes poderes naturais, e que não tenha demasiado entendimento, conhecimento e preparo. Não haveria uma tendência de se dizer isso? E uma tendência que vimos noutros domínios. Acaso isso não foi parte da nossa dificuldade em geral antes da eclosão da guerra em 1939? Não havia a tendência de se confiar em quem dissesse: “Não sou inteligente, sou apenas honesto”? Como se não fosse possível ser inteligente e honesto ao mesmo tempo! “Sou um homem simples; não tenho pretensão de possuir grande entendimento, e não sou grande orador; sou simplesmente um homem comum, um homem honesto.” E acreditávamos nele. Ao mesmo tempo, havia outro, muito mais capaz, que nos advertia de que corríamos grave

perigo. Pois bem, a tendência era dizer: “Ah, você não pode confiar nesse homem, ele é inteligente demais, é um promotor de guerras; não lhe dê ouvidos. Você não pode confiar nesses homens habilidosos, fiquemos com o homem simples e comum”. Bem, vocês se lembram do que aconteceu — quase levou à desgraça e à ruína da Inglaterra.

Dito isso, há o perigo, digo eu, de usarmos semelhante argumento quanto à propagação do evangelho, mas é uma falácia terrível, e deixem-me mostrar por que digo isso. A Bíblia o contradiz. Vão lendo a Bíblia e notem os homens que Deus usou de maneira assinalada, e verão em cada caso que eles eram homens notáveis, homens de destacada capacidade, que Deus tinha preparado de maneira incomum. Vejam Moisés, por exemplo, com a sua habilidade natural e com o saber que adquiriu na casa de Faraó, com tudo o que isso significou para ele em termos de preparação. Vejam um homem como Davi. Leiam os seus salmos. Que pessoa extraordinária! Que homem de destacada competência! Vejam Isaías. Leiam os seus argumentos vigorosos; observem a sua linguagem inflamada e emocionante. Ele foi um grande poeta, entre outras coisas. Vejam um homem como Jeremias, que tinha sido preparado para ser pregador; observem o seu método de argumentação. E poderíamos prosseguir nisso mais e mais. Depois, chegando ao Novo Testamento, uma preparação semelhante ocorreu não somente com este homem, Saulo de Tarso, que se tornou Paulo; é evidente que ocorreu igualmente com o apóstolo João que, embora não recebendo capacitação tão completa, evidentemente foi um homem de considerável capacidade.

Vocês não vêem o ensino dessa verdade somente na Bíblia; vêem-no também na história da Igreja através dos séculos. Já mencionei Agostinho. Mencionei Martinho Lutero. Poderia mencionar João Calvino, Jonathan Edwards e João Wesley — homens de capacidade e, no sentido natural, extraordinariamente dotados. Tais são os homens que se vê que Deus usou de maneira muito notável para a concretização dos Seus propósitos na extensão do Reino e no progresso da Igreja.

Há, então, certos princípios que podemos deduzir; permitam-me apenas anotá-los para vocês. Não há nada de errado nos dons naturais em si. É Deus quem dota a todos os homens de dons naturais; o homem não cria os seus próprios dons. Um Shakespeare não é o responsável pela obtenção da sua habilidade. Todos os dons são outorgados por Deus; portanto, é antibíblico e anticristão desacreditar os dons naturais. A fé cristã não dá prêmio à ignorância e à estultícia. Não há vantagem na vida cristã que se enquadre nessa categoria. Entretanto, deixem-me avançar um pouco mais. Em segundo lugar, não devemos pôr a nossa confiança nos dons naturais, não devemos gloriar-nos neles. E é com isso que o apóstolo Paulo estava preocupado quando escreveu aos coríntios, A dificuldade que havia com os cristãos coríntios não era que eles tinham dons, porém que se jactavam deles e se gloriavam neles. Ora, isso é algo que é denunciado em toda parte, nas Escrituras. Não há nada

de errado nos dons, propriamente ditos, mas se eu me gloriar neles, ou pensar que porque os tenho não preciso do Espírito Santo, então estarei totalmente errado.

Os dons naturais não são descartados nem deixados de lado pelo Espírito Santo. O Espírito Santo exerce controle sobre eles e faz uso deles. Pois bem, é assim que podemos entender a maneira pela qual Deus usou os homens mencionados nas Escrituras. Notem como cada um deles tem o seu próprio estilo. Se alguém lesse para vocês um trecho da profecia de Isaías, vocês o reconheceriam? Não o reconheceriam? Vocês seriam capazes de dizer: “Isso é Isaías”. Certamente, se eu lesse uma parte das Epístolas de Paulo, ninguém que tenha algum conhecimento das Escrituras sonharia em opinar que é de Pedro ou de João. Não! Cada um desses homens teve o seu estilo peculiar — eles não escreveram igualmente — não foram autômatos. O Espírito Santo não lhes fez um ditado. O que o Espírito Santo fez foi tomar esses homens com todos os seus dons e capacidades para usá-los e empregá-los. Veremos tudo isso à medida que formos percorrendo esta Epístola aos Romanos. Nesta carta ficaremos impressionados com a ordem, com a lógica, com os argumentos, com a energia com que Paulo escreve. De todas essas características naturais, de todos esses atributos que o natural Saulo de Tarso tinha, o Espírito tomou posse, e eles são demonstrados em sua magnificência nesta Epístola aos Romanos.

Ah, como é importante que entendamos isso! A nossa doutrina sobre a inspiração das Escrituras não é a do ditado mecânico. O Espírito Santo tomou os homens que a Ele se renderam, e fez uso de todos os dons de que tinham sido revestidos. Foi Deus quem lhes deu esses dons. Foi Deus que providenciou para que Paulo nascesse em Tarso. Foi como Deus planejou prepará-lo. Deus tinha uma tarefa para ele. Por isso vocês vêem a glória de Deus brilhando em toda a obra dele. O homem certo na hora certa para a tarefa especial! Observem esse fato no caso de Martinho Lutero. Era esse o homem que havia de iniciar a Reforma Protestante, o homem que foi preparado como monge, o homem que conhecia muito bem Roma por dentro. São tais homens que Deus usa. Ele não toma alguém que nada sabe dessas coisas, enchendo-o do Espírito e fazendo uso dele. Não, Ele sempre preparou o homem para o Seu serviço, e tem continuado a fazê-lo através dos séculos.

Meus caros amigos, digo-lhes que há nisso uma lição pessoal para mim e para vocês. Vocês foram convertidos recentemente? Bem, não deixem que o diabo os tente, levando-os a pensar que os seus dons naturais não têm valor e são inúteis. Vocês faziam uso da sua personalidade na velha vida — Deus quer usá-la na nova. Vocês usavam os seus dons na sua velha vida, em seus negócios, no seu pecado. Os mesmos dons podem ser utilizados no seu testemunho cristão, no seu procedimento cristão. Essa é a lição que vejo aqui. Todos nós temos dons; tratemos de devolvê-los a Deus para que faça uso

deles. Não queiramos ser como os demais. Não fomos destinados a isso. Deixemos que Deus use os dons que Ele nos deu, para que eu à minha maneira, vocês à sua, e os outros às suas diferentes maneiras, possamos ser, todos juntos, como um grande coral, cantando as diferentes vozes num vigoroso cântico de louvor a Deus. Deus faz a mesma coisa na natureza e na criação. Não existem duas flores iguais, dois pássaros idênticos; cada criatura tem algo diferente das outras, e com isso Deus manifesta a Sua glória na variedade e no encanto da natureza.

Paulo — sim! O homem certo e necessário para lançar o fundamento, para salvaguardar a verdade contra o judaísmo, para apresentá-la em toda a sua glória aos gentios. Paulo, como vimos, servo de Jesus Cristo, *chamado* para ser apóstolo, e *separado* para o evangelho de Deus.

Fonte: *O Evangelho de Deus*, D. M. Lloyd-Jones, Editora PES, p. 11-27.